

TRADUÇÃO E RIGOR: A PERSPECTIVA DE NABOKOV

Waldir Cezaretti de Freitas (UFSC)
wcezarettiufsc@gmail.com.br

RESUMO

Este estudo apresenta o autor russo Vladimir Nabokov, conhecido por obras como *Lolita* e *Fogo Pálido*, destacando seu papel no debate sobre tradução literária. Enfatiza a importância das traduções na interpretação de textos que conectam filologia e arte, explorando sua visão rigorosa sobre o processo tradutório. Além disso, reflete sobre questões que continuam a ser debatidas por tradutores e estudiosos da literatura, como a fidelidade ao original versus a adaptação cultural. Nabokov defendia uma fidelidade quase científica ao texto original, contrastando com abordagens mais flexíveis e poéticas. Essa postura evidencia a complexidade da tradução, que vai além da mera substituição de palavras. Os estudos sobre tradução frequentemente discutem essa questão, dividindo-se entre os que priorizam a precisão ao original e os que defendem a adaptação para alcançar novos públicos. Sua perspectiva é claramente literalista, buscando preservar cada palavra e estrutura sintática ao máximo. Esse rigor se manifesta especialmente em sua tradução de Eugene Onegin, de Aleksandr Pushkin, onde optou por uma versão altamente literal, acompanhada de extensos comentários explicativos. Para Nabokov, qualquer tentativa de adaptação estilística ou rítmica representava uma traição ao texto original, reforçando o debate entre fidelidade e recriação poética na tradução literária.

Palavras-chave:
Adaptação. Nabokov. Tradução.

ABSTRACT

This study presents the Russian author Vladimir Nabokov, known for works such as *Lolita* and *Pale Fire*, highlighting his role in the debate on literary translation. It emphasizes the importance of translations in interpreting texts that connect philology and art, exploring his rigorous perspective on the translation process. Furthermore, it reflects on issues that continue to be debated by translators and literary scholars, such as fidelity to the original versus cultural adaptation. Nabokov advocated for an almost scientific fidelity to the original text, contrasting with more flexible and poetic approaches. This stance highlights the complexity of translation, which goes beyond mere word substitution. Studies on translation often discuss this issue, dividing opinions between those who prioritize accuracy to the original and those who favor adaptation to reach new audiences. His perspective is clearly literalist, seeking to preserve every word and syntactic structure as much as possible. This rigor is especially evident in his translation of Eugene Onegin by Aleksandr Pushkin, where he opted for a highly literal version accompanied by extensive explanatory notes. For Nabokov, any attempt at stylistic or rhythmic adaptation represented a betrayal of the original text, reinforcing the debate between fidelity and poetic recreation in literary translation.

Keywords:
Adaptation. Nabokov. Translation.

1. Introdução

Para Nabokov, a tradução ideal deveria ser transparente, permitindo ao leitor vislumbrar a estrutura e o significado do original sem as distorções estilísticas que frequentemente ocorrem nas traduções literárias, ele rejeita adaptações que buscam embelezar ou naturalizar um texto para o público-alvo, pois acredita que isso trai a essência da obra original. Seu rigor tradutório gerou polêmicas, especialmente no meio acadêmico e literário, pois muitos defendiam que a beleza de um texto poético, por exemplo, deveria ser preservada mesmo às custas de algumas mudanças semânticas.

Além de seu trabalho como tradutor, Nabokov explorou o tema da tradução em sua ficção, abordando-o de maneira metalinguística e irônica. Em “Pálido fogo”, por exemplo, ele brinca com a ideia de um texto comentado e reinterpretado por um narrador pouco confiável, refletindo a problemática da fidelidade na tradução e na interpretação dos textos. Esse interesse pelo tema demonstra como Nabokov via a linguagem como um meio de comunicação, um espaço de constante transformação e subjetividade.

De acordo com Levý (2011) destaca a centralidade do tradutor como um leitor atento e meticuloso, enfatizando que a tradução é um ato interpretativo tanto quanto a leitura. Ao afirmar que uma obra só se concretiza como fato social e produz efeito artístico quando lida e interpretada, o autor ressalta que o significado de um texto não é fixo, mas sim construído pelo leitor.

O tradutor, antes de tudo, é um leitor atento e meticuloso. O texto de uma obra só se completa como fato social e produz efeito artístico quando é lido e interpretado. Tanto o leitor quanto o tradutor recebem a obra na forma de um texto. No processo de leitura, esse texto funciona como um material objetivo que é transformado pelo sujeito destinatário, o leitor. Essa transformação resulta em uma concretização individual da obra, moldada pelas experiências e perspectivas do leitor. É assim que se configura um ato específico de leitura. (Levý, 2011, p. 27)

Levý sugere que a leitura e a tradução são processos dinâmicos, nos quais o texto original se transforma conforme é interpretado; essa ideia dialoga com debates sobre fidelidade e adaptação na tradução, uma vez que cada tradutor, ao concretizar sua versão da obra, toma decisões que influenciam sua recepção. Dessa forma, a tradução não é um simples espelhamento do original, mas uma recriação que reflete tanto as escolhas do tradutor quanto o contexto cultural da nova língua.

A visão de Nabokov sobre a tradução permanece como um ponto de debate entre tradutores e estudiosos da literatura, sua defesa de uma fidelidade quase científica ao original contrasta com abordagens mais flexíveis e poéticas, mas, ao mesmo tempo, evidencia a complexidade do ato de traduzir, que vai muito além da mera substituição de palavras. Os estudos sobre

tradução têm debatido amplamente essa abordagem. Tradutores e teóricos da tradução frequentemente se dividem entre aqueles que defendem a fidelidade ao original e aqueles que acreditam que a adaptação cultural é essencial para que o texto ressoe com seu novo público. A visão de Nabokov se alinha a uma perspectiva mais literalista, na qual cada palavra e estrutura sintática devem ser preservadas ao máximo. Esse rigor é evidente em sua tradução de “Eugene Onegin”, de Aleksandr Pushkin, onde optou por uma versão altamente literal, acompanhada de extensos comentários explicativos. Para ele, qualquer tentativa de adaptação estilística ou rítmica trai a essência do texto original.

Por outro lado, essa abordagem foi alvo de críticas, pois, muitos argumentam que uma tradução excessivamente literal pode comprometer a experiência do leitor e até distorcer o espírito da obra. A tradução literária, segundo muitos estudiosos, deve equilibrar a fidelidade ao conteúdo com a fluidez e naturalidade do texto na nova língua. Para Nabokov, no entanto, a prioridade absoluta era a preservação do significado original, ainda que isso resultasse em um texto difícil ou pouco elegante para leitores da língua de destino.

Além de suas próprias traduções, Nabokov também abordou o tema da tradução em sua obra literária. Em “Pálido fogo”, ele brinca com a ideia de um texto comentado e reinterpretado por um narrador pouco confiável, refletindo a problemática da fidelidade na tradução e na interpretação dos textos, essa abordagem metalinguística destaca sua visão de que qualquer tradução é, em alguma medida, uma traição ao original, pois envolve escolhas subjetivas e, muitas vezes, concessões estilísticas.

2. *Fidelidade, arte e realidade*

O estudo das traduções continua a evoluir, e as ideias de Nabokov permanecem relevantes nesse debate. Embora muitos tradutores hoje optem por um equilíbrio entre fidelidade e fluidez, sua defesa intransigente da precisão literal levanta questões fundamentais sobre os limites e desafios da tradução. Seu legado como escritor e tradutor persiste, inspirando novas gerações a refletirem sobre a complexidade desse processo. Publicado em 1962, “Pálido fogo” (no original, “Pale fire”) é um dos trabalhos mais engenhosos e desafiadores de Vladimir Nabokov, autor renomado de *Lolita*. Este romance experimental transcende convenções literárias ao combinar poesia e prosa em uma estrutura narrativa fragmentada, explorando temas como identidade, ilusão e a relação entre arte e realidade. A obra consolidou-se como um marco da literatura pós-moderna, desafiando leitores e críticos a desvendarem suas camadas de significado.

Um exemplo relevante sobre a questão da fidelidade nas traduções é abordado por Antoine Berman em sua obra *A Tradução e a Letra ou o Albergue Longínquo* (2013). Berman argumenta que a fidelidade na tradução não deve ser vista apenas como uma reprodução literal do texto original, mas sim como um compromisso ético e estilístico com a obra e sua essência. Segundo ele: A tradução fiel não é aquela que copia palavra por palavra o original, mas aquela que respeita sua singularidade, permitindo que a alteridade da língua estrangeira se manifeste na língua de chegada. (Berman, 2013, p. 15). Dessa forma, a fidelidade na tradução envolve um equilíbrio entre preservar a identidade do texto original e garantir sua acessibilidade ao leitor da língua-alvo. Esse debate continua sendo um dos principais desafios na teoria da tradução, especialmente quando se trata de obras literárias, onde estilo e nuances desempenham um papel essencial na experiência do leitor.

A autonomia da arte conectada com a realidade de Nabokov em “Pálido fogo” (1962), mostra que “a realidade não é nem o assunto nem o objeto da verdadeira arte, que cria sua própria realidade especial” sintetiza uma das pedras angulares de sua filosofia estética. Para o autor, a arte não existe para reproduzir ou comentar o mundo tangível, essa “realidade comum” filtrada pela percepção coletiva, mas sim para gerar um universo autônomo, regido por suas próprias leis, coerência e verdade interna. Esse princípio define a estrutura fragmentada e metaficcional de “Pálido fogo”, ilumina o cerne da obra nabokoviana: a crença na arte como um espaço de libertação da banalidade e da tirania do óbvio.

A Arte como Realidade Paralela. Em “Pálido fogo”, Nabokov materializa essa ideia através da relação entre o poema de John Shade e o comentário de Charles Kinbote. Enquanto Shade compõe versos introspectivos sobre morte, memória e transcendência, Kinbote distorce o texto para inserir sua narrativa delirante sobre Zembla, um reino imaginário. O poema, em si, não é sobre Zembla, mas Kinbote faz dele um espelho de suas obsessões. Aqui, Nabokov ilustra como a arte verdadeira não se submete à realidade externa: tanto Shade quanto Kinbote (este, de forma patológica) criam realidades alternativas que existem em paralelo ao mundo empírico, mas são autossuficientes em sua lógica interna.

A “realidade especial” da arte, portanto, não precisa de justificativas ou correspondências com o mundo concreto, ela é um organismo vivo, nutrido pela imaginação do artista e capaz de gerar sentidos que transcendem o literal. Como escreve Shade em seu poema: “Não sou um escravo da realidade, / Crio labirintos onde a luz é irmã da escuridão”. Nabokov desdenhava da noção de que a arte deveria “refletir a sociedade” ou servir como instrumento didático. Para ele, tentar reduzir a criação artística a um espelho do mundo real era um equívoco que limitava seu poder transformador.

Em “Pálido fogo”, essa crítica se manifesta na figura de Kinbote, cuja obsessão em encontrar correlatos autobiográficos no poema de Shade representa uma paródia da crítica literária reducionista. O comentário de Kinbote, repleto de projeções e má interpretações, é um alerta contra leituras que buscam “decifrar” a arte como um código a ser traduzido para termos mundanos. A verdadeira arte, segundo Nabokov, não se explica, existe. Ela não imita a vida, mas a reinventa através de padrões estéticos, jogos linguísticos e camadas de significado que resistem à simplificação. Assim como um quadro de Magritte ou um conto de Borges, a obra nabokoviana desafia o espectador a abandonar a busca por “sentido prático” e mergulhar em uma realidade alternativa, onde a beleza e o enigma são fins em si mesmos.

A referência ao “olhar coletivo” na citação de Nabokov não é casual. O autor via a percepção massificada da realidade como algo empobrecido, uma visão pasteurizada que ignora a complexidade do indivíduo. A arte, em contraste, é um ato de rebeldia solitária: ela não deve nada ao gosto popular, às convenções morais ou às expectativas do público. Em “Pálido fogo”, essa tensão se manifesta na incompatibilidade entre a obra de Shade (íntima, filosófica) e a apropriação egocêntrica de Kinbote. Shade cria por necessidade interior, enquanto Kinbote busca validar suas fantasias através do outro. A “realidade especial” da arte, assim, só floresce quando o artista ignora o “olhar coletivo” e se entrega à sua visão única, mesmo que isso não constrói mundos aparentemente herméticos ou excêntricos.

A defesa de Nabokov de uma arte autônoma ecoa movimentos como o esteticismo de Oscar Wilde (“A arte não expressa nada além de si mesma”) e o modernismo de Joyce ou Kafka. No entanto, ele leva essa ideia adiante, transformando-a em um manifesto silencioso contra a mediocridade. Para o autor, a realidade comum é um tecido de clichês, a arte, em contrapartida, é o território do espanto, da precisão linguística e da invenção livre. Mais de seis décadas após “Pálido fogo”, essa visão permanece radical. Em uma era dominada pelo realismo superficial das redes sociais e pela demanda por “conteúdo relevante”, Nabokov nos lembra que a verdadeira arte não serve a agendas, ela resplandece em sua própria esfera, como um “pálido fogo” capaz de iluminar, mesmo que brevemente, as profundezas do humano.

O livro divide-se em quatro partes: um prólogo, um poema de 999 versos escrito pelo personagem fictício John Shade, um comentário extenso de seu vizinho Charles Kinbote e um índice. O poema, de tom introspectivo, reflete sobre a vida, a morte e a busca por significado, enquanto o comentário de Kinbote, supostamente uma análise acadêmica, desvia-se rapidamente para narrar a história de Zembla, um reino imaginário do qual ele afirma ser o rei exilado.

A genialidade de Nabokov reside na interação entre texto e paratexto. Kinbote, narrador não confiável, apropria-se dos versos de Shade para construir uma narrativa paralela, revelando mais sobre suas próprias obsessões e delírios do que sobre o poema em si. Essa estrutura fragmentada convida o leitor a questionar a autoria, a verdade e os limites entre realidade e ficção.

3. Considerações finais

A obra joga com a percepção do real, enquanto Shade busca verdades universais em sua poesia, Kinbote cria uma fantasia elaborada, sugerindo que a realidade é moldada pela subjetividade. O próprio título, extraído de “Timão de Atenas”, de Shakespeare (“Pálido fogo do sol roubado à lua”), simboliza a imitação e a artificialidade. Nabokov questiona o papel do artista e do intérprete, o comentário de Kinbote, que distorce o poema original, serve como metáfora para a interpretação crítica, às vezes egoísta, da arte. Kinbote é consumido pela necessidade de validar sua identidade como rei, mesclando sua história com a de Shade. Teorias sugerem que ele poderia ser um alter ego do poeta, explorando a fluidez da identidade.

Ferreira (2015) ressalta a importância da tradução como um fenômeno cultural que transcende a simples transferência linguística, funcionando como um meio essencial para a circulação de ideias, valores e conhecimentos entre diferentes sociedades. A tradução permite que obras literárias, filosóficas, científicas e de diversas outras áreas ultrapassem barreiras geográficas e temporais, promovendo o intercâmbio cultural e ampliando horizontes intelectuais.

A tradução é um fenômeno cultural que permite a circulação de ideias, valores e conhecimentos entre diferentes culturas. É uma forma de enriquecimento intelectual e cultural, pois permite que as pessoas tenham acesso a obras de diferentes culturas e épocas. (Ferreira, 2015, p. 12)

Ferreira sugere que a tradução é um ato técnico, um processo interpretativo e criativo, no qual o tradutor precisa lidar com nuances linguísticas e culturais. Cada tradução carrega escolhas que refletem contextos específicos e influenciam a forma como um texto será compreendido por diferentes públicos. Dessa forma, a tradução atua como um elo entre passados e presentes, entre culturas distintas, promovendo a diversidade e o diálogo intercultural.

À época do lançamento, “Pálido fogo” dividiu a crítica: alguns o consideraram hermético, enquanto outros reconheceram sua inovação, com o tempo, consolidou-se como uma obra-prima, influenciando autores como David Foster Wallace e Thomas Pynchon. Acadêmicos destacam sua complexidade narrativa e a ironia sutil, típicas do estilo de Nabokov. Em países

lusófonos, traduções (como a edição brasileira de 1984) ampliaram seu alcance, embora o jogo de palavras e alusões do original apresentem desafios únicos aos tradutores.

“Pálido fogo” é um labirinto literário que recompensa leitores persistentes, Nabokov desafia a forma do romance, provoca reflexões profundas sobre criação artística e percepção humana. Mais de seis décadas após sua publicação, a obra permanece um farol da metaficção, comprovando que a grande literatura não oferece respostas, mas sim perguntas brilhantes. Com isso Vladimir Nabokov, um dos escritores mais complexos do século XX, tinha uma relação peculiar com o conceito de tradução.

REFERÊNCIAS bibliográficas

- Arendt, H. *Origem do Totalitarismo*. New York: Ed. Schocken Books, 1989.
- Berman, A. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. 2. ed. Florianópolis: UFSC. 2012.
- Britto, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- Campos, H. Da tradução como criação e como crítica. In: TÁPIA, M.N.; CASTRO, L.C. *A Tradução como Ato Criativo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CASTRO, M. S. *Tradução, ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro. 2007.
- CATFORD, J. *Uma teoria Linguística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- FERREIRA, R. *Tradução: uma visão crítica*. Brasília: UnB, 2015.
- GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- HERMANS, T. *Translation in Systems: Descriptive and System-Oriented Approaches Explained*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- NABOKOV, V. *Fogo pálido (Pale Fire)*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1962.
- VENUTI, Lawrence. A Invisibilidade do Tradutor. *Palavra*, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1995.